

## Refletindo sobre o acolhimento e as acomodações para os servidores autistas nas universidades

Jornal da Universidade / 21 de março de 2024

**Artigo | A docente do Instituto de Letras Maria Cristina Pires Pereira propõe uma escuta desse público para que se estabeleça um ambiente de respeito às suas especificidades e de valorização de suas habilidades**

\*Por Maria Cristina Pires Pereira

\*Ilustração: Luiz Augusto Quadros Lacerda/ Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS

Existem poucas abordagens que validem o autismo como uma manifestação da diversidade humana. Em minha área acadêmica de atuação, já existem os Estudos Surdos, que se distanciam da visão médica para abordar as pessoas surdas em uma perspectiva socioantropológica, no entanto ainda carecemos dos [Estudos Autistas](#) que nos percebam como seres humanos com características muito específicas e que não precisam nem devem estar sempre atrelados à área médica como uma patologia.

Ser autista não me torna especialista em autismo, mas um ser mais sensível às necessidades dessa parte da população. Muitas das co-ocorrências (que a área médica chama de comorbidades) que afetam os autistas, como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ansiedade, Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), depressão e alteração do ciclo do sono, não são específicas de quem é autista, mas causadas pela forma como a sociedade ainda nos trata: doentes, incapazes, incomunicáveis, esquisitos e maniáticos.

Temos limites, como todos, e temos talentos, como todos. O que é diferente é o nosso funcionamento cerebral. O autismo é uma condição neurológica ainda pouco compreendida em sua totalidade e que as frequentes mudanças de classificação, decididas somente pela área médica, não têm ajudado muito no seu reconhecimento e aceitação. Por exemplo, as alterações de percepção sensorial (visão, audição, tato, olfato, gustação, [interocepção e propriocepção](#)) podem nos fazer ter problemas com luminosidade, sons, toques, cheiros, alimentos, ou fazer com que nossa postura e movimentos sejam fora da norma. Não é uma escolha, é algo que está na arquitetura de nosso cérebro. Aspectos que para a maioria das pessoas não causa incômodo podem ser até dolorosos para alguns de nós suportarmos. Notem que eu uso “podem” e “alguns”, pois não somos iguais.

Ao mesmo tempo não queremos ser os especiais, sermos a “causa” incômoda de uma mudança tolerada pelos outros. Somos parte da diversidade humana e, como tal, temos o direito a um tratamento e a um ambiente que também nos contemplem.

*Podemos ser perfeitamente produtivos da nossa maneira e com o nosso ritmo, bastam acomodações. Queremos que ser autista seja normal!*

No entanto, apesar de muito se falar sobre autismo nos últimos tempos, as universidades não estão se preparando para oferecer acomodações para esse público. Apenas alguns exemplos de minha vivência pessoal. Quando pedi atualização de dados cadastrais para ser registrada como autista e, mesmo anexando o laudo da neuropsicóloga, o laudo da psiquiatra e a carteira de identificação da pessoa com transtorno do espectro autista (CIPTEA), recebi a seguinte resposta: “Informamos que não estamos realizando tal avaliação por esta ainda não ter sido regulamentada e parametrizada pelo governo. Tais avaliações de deficiência (e equivalentes), que antigamente eram feitas por perícia médica, hoje devem ser feitas por uma avaliação multiprofissional que ainda carece de especificações, as quais estamos aguardando”, isto em 2022. Continuo no aguardo e não sei a quem me dirigir. Além disso, os editais seguem exigindo “[Laudo Médico \[...\] preferencialmente emitido por psiquiatra ou neurologista no máximo nos 12 meses anteriores à data de abertura das inscrições](#)”. A esperança é que o projeto de lei que determina que os laudos de diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) tenham validade permanente (PL 3.749/2020) seja aprovado e regulamentado.

O que pode ser feito, então?

É necessária uma escuta dos servidores autistas para que se possa: (1) detectar as reais necessidades de adaptação e acomodações para um ambiente respeitoso de nossas especificidades e de valorização de nossas habilidades, (2) registrar as sugestões desses servidores para que o local e o fluxo de trabalho sejam menos ansiogênicos e (3), em conjunto com as instâncias já existentes na Universidade – Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFRGS ([Incluir](#)), [Coletivo Autista da UFRGS](#) e [Divisão de Promoção da Saúde](#) (DPS), que faz o acompanhamento psicossocial dos servidores –, elaborar um plano de ação, de acordo com as possibilidades e urgências, que contemple as reivindicações, mesmo que de forma gradual, mas contínua.

Obviamente que a construção do instrumento a ser utilizado para esse censo e dos seus posteriores encaminhamentos deveriam ter a participação de vários autistas.

A chave dessa mudança de mentalidade, nas universidades, é perguntar e fazer uma escuta atenta e empática dos sujeitos autistas para que, juntos, possamos construir um espaço que permita, ao máximo possível, que todas as nossas capacidades e competências possam florescer.

Maria Cristina Pires Pereira é professora do Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas, da ênfase Bacharelado em Tradutor e Intérprete de Libras, [autista](#).

*“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”*

### :: Posts relacionados



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Perspectivas educacionais na emergência climática



Como auxiliar pessoas enlutadas?



Resposta integrada a desastres naturais para pessoas com deficiência

### :: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



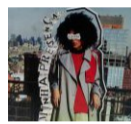
Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



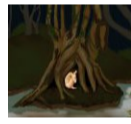
Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental



Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes

INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs

@jornaldauniversidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS  
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade  
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar |  
Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

[View on Instagram](#)